

# José Roberto Santos Neves

## Cara a cara com o Metallica

*José Roberto Santos Neves*

neves-jose@uol.com.br

Sou fã do Metallica. Essa admiração teve início na década de 80, quando fui apresentado ao primeiro disco do quarteto norte-americano, "Kill 'em All". As guitarras agressivas, a base densa, a bateria demolidora e o vocal irado de James Hetfield sinalizavam que se tratava de uma banda diferente.

Muitos tiveram a mesma percepção e logo o Metallica se tornou febre nas garagens. Vieram os discos "Ride The Lightning", "Master of Puppets", a morte do baixista Cliff Burton em um acidente com o ônibus que transportava a banda, o álbum duplo "...And Justice for All", a destruidora performance no Grammy e a primeira vinda ao Brasil, em 1989, para um show no Maracanãzinho, que perdi nem sei exatamente o porquê, já que uma galera de Vitória assistiu e voltou com um sorriso de orelha a orelha; Cidinho Travaglia, que hoje toca na África do Sul, era um desses caras.

Em 1991, com o "Álbum Preto", o Metallica enfim virou mainstream, vendendo 20 milhões de cópias e conquistando um público que até então torcia o nariz para o heavy metal. Muitos metaleiros - ou headbangers, como preferirem - ficaram ressabiados. É aquela velha história: tem gente que só acompanha uma banda até o momento em que ela faz sucesso. Quando se torna popular, não serve mais. Virou "farofa", "se vendeu", "sucumbiu ao sistema".

Continuei fiel ao Metallica e, mesmo não tendo gostado tanto dos álbuns "Load" e "Reload", não perdi o retorno do grupo ao Brasil, em 1999, para shows em São Paulo e no Rio. Era uma tarde/noite de maio e agora, já formado em jornalismo, entrei com credencial de imprensa para cobrir o show no estádio do Flamengo.

Quando o Sepultura se preparava para iniciar a abertura, veio a surpresa: o assessor de imprensa do evento, Mário Canivello, me convidou para participar da coletiva no lugar da "Folha de S. Paulo", que não tinha enviado repórter ao Rio. O grupo seletivo de jornalistas dirigiu-se para a área atrás do palco: representantes de "O Globo", "Jornal do Brasil", "O Dia", revistas especializadas e A GAZETA.

Apenas o guitarrista Kirk Hammet e o baterista Lars Ulrich atenderam aos repórteres. O vocalista e guitarrista James Hetfield e o baixista Jason Newsted foram poupados dessa tarefa.

Hammet e Ulrich apresentaram comportamentos opostos: enquanto o guitarrista distribuía sorrisos e simpatia, o baterista entrou na sala de cara amarrada e não conseguia esconder seu desconforto com a situação.

# José Roberto Santos Neves

Após Hammet declarar sua admiração pela música brasileira - João Gilberto, Astrud Gilberto -, um repórter perguntou a Lars Ulrich qual o melhor disco do Metallica.

- "Load" - afirmou, lacônico.

- E qual o melhor disco da história do rock? - insistiu o repórter.

(Pausa para reflexão. Nós jornalistas temos esse defeito de fazer perguntas abrangentes demais. Fazer uma lista dos 10 melhores discos do rock já é difícil; imagine escolher apenas um, assim, de supetão).

- "Appetite for Destruction", do Guns'N'Roses - declarou o emburrado Lars.

Até hoje não sabemos se ele estava falando sério ou apenas despejando seu mau humor sobre a imprensa. O que se sabe é que no dia 25 de setembro temos novamente encontro marcado com o Metallica, no Rock in Rio 4.